

CAEIRO MESTRE

Roy Frankel

Mestrando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ)
royfrankel@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa problematizar a ideia de maestria em Alberto Caeiro, um dos heterônimos mais famosos de Fernando Pessoa. Não apenas outros heterônimos se referem a Caeiro como mestre, mas também o próprio Pessoa 'ortônimo' o faz. De forma a problematizar essa questão de um ponto de vista existencial, este estudo se baseia nos conceitos da abertura do ser da presença em Heidegger conforme apresentados em Ser e Tempo, e discute como este tipo de abertura pode estar no cerne da maestria caeiriana.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura portuguesa, Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Martin Heidegger, existencialismo.

ABSTRACT

This work intends to discuss the mastery of Alberto Caeiro, one of the most famous heteronyms of Fernando Pessoa. Not only other heteronyms refer to Caeiro as a master, but Pessoa himself does the same. In order to discuss this issue in an existentialist perspective, the present study is based on the existential opening of Martin Heidegger's Dasein as presented in Being and Time, and discusses how this kind of opening can be in the heart of the caeirian mastery.

KEYWORDS: Portuguese literature, Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Martin Heidegger, existentialism.

*Basta existir para se ser completo
(Poemas Inconjuntos in PESSOA, 2010, p. 91)*

INTRODUÇÃO

A heteronímia é uma marca basal e bastante discutida na obra de Fernando Pessoa. Esse autor não simplesmente forjou nomes para apagar uma suposta marca autoral no texto, mas criou verdadeiras entidades literárias com personalidades próprias. Os textos heteronímicos e aqueles assinados por Pessoa ‘ele mesmo’ continham projetos literários verdadeiramente distintos, ao ponto de discutir entre si quando, por exemplo, um se apresenta prefaciando e comentando a obra de outro.

A partir dessa complexa arquitetura literária, o presente trabalho optou por se aprofundar em uma questão específica: a maestria de Alberto Caeiro. Outros heterônimos e o próprio Pessoa ‘ortônimo’ se referem a Caeiro como mestre. Mas não fica claro o que traria maestria a este heterônimo. Tampouco fica esclarecida a questão de como Pessoa poderia se referir a algo fruto de sua criação como ‘mestre’ e não ser o próprio Pessoa o ‘mestre’ de seus heterônimos.

Tomando como ponto de partida essa problematização, o presente estudo se baseia na abertura existencial do ser da presença em Heidegger e discute como este tipo de abertura pode estar no cerne da maestria caeiriana.

A escolha de Heidegger como matriz teórica para analisar a obra caeiriana tem de um lado argumentos extraliterários, como a proximidade espaço-temporal: os poemas de *O Guardador de Rebanhos* foram publicados em Portugal em 1925, enquanto que *Ser e Tempo* teve sua primeira edição publicada na Alemanha no ano de 1927. De outro lado, a perspectiva heideggeriana foi escolhida para analisar a produção de Alberto Caeiro em razão da sua proximidade temática. Desse ponto de vista, tal análise é bastante prolífica em razão da similitude de conceitos como a crítica a uma temporalidade imprópria, a abertura existencial e a busca pelo exercício total das possibilidades do ser, presentes nos dois autores.

Sua estruturação está feita em três partes principais: inicialmente, serão revisitados estudos sobre Caeiro onde a heteronímia e a maestria são questões recorrentes. Em seguida, serão apresentados alguns conceitos de Heidegger, a partir de sua formulação em

Ser e Tempo. Por fim, serão problematizados os conceitos teóricos levantados a partir de uma revisitação da própria obra de Caeiro.

Espera-se com esse trabalho ampliar a compreensão do fenômeno literário a partir de um mergulho no próprio material poético. Essa revisitação é baseada em um projeto de análise literária que busca o sentido por dentro da obra: a leitura literária que se objetiva não será uma mesma leitura feita novamente, mas a colocação do princípio em obra de forma a explodir o texto em significações.

FERNANDO PESSOAS

O sistema poético pessoano é intrinsecamente marcado pela heteronímia. A individualidade de cada um dos heterônimos não é definida apenas por suas particularidades, mas também pela posição perante os outros heterônimos (SEABRA, 1974).

Existem possíveis origens psicanalíticas e biográficas desse fenômeno: o próprio Pessoa atribui à heteronímia como “o fundo traço de histeria que existe em mim”, em carta de 13/01/1935 a Adolfo Casais Monteiro (*in* GUIMARÃES, 2004, p. 72), ou ainda a uma “tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação” (*in* BERARDINELLI, 2004, p. 92). Entretanto, entendemos como mais produtivo analisar as suas consequências estético-existenciais.

Existe uma multiplicidade na unidade da produção de Pessoa. Referindo-se aos heterônimos, Pessoa afirma que ele mesmo foi a “mãe que os deu à luz” (*in* GUIMARÃES, 2004, p. 74), mas apesar de ser a força motora original o título de mestre não lhe coube. Sobre o início da escrita de *O Guardador de Rebanhos*, Pessoa nos diz: “aparecera em mim o meu mestre” (*in* BERARDINELLI, 2004, p. 95).

Colocando algo de si mesmo em cada um dos heterônimos, Pessoa escreve que destinou a Caeiro todo o seu “poder de despersonalização dramática” (*in* BERARDINELLI, 2004, p. 96). Justamente esse heterônimo é o mais analisado pelos outros, de “quem todos se consideram discípulos” (BERARDINELLI, 2004, p. 100). Além de o próprio Pessoa considerar o seu nascimento como a emersão de seu mestre, Ricardo Reis seguidamente nomeia Caeiro como seu mestre (por exemplo, no prefácio a *O Guardador de Rebanhos*, no

prefácio ao seu próprio livro *Odes*, além de tê-lo homenageado na Ode XIV de seu Livro I) e da mesma forma Álvaro de Campos o faz (seu poema “Mestre, meu mestre querido...” é um claro exemplo disso).

Essa maestria de Caeiro o diferencia dos demais heterônimos, situando-o como centro orientador de toda produção poética elaborada por Pessoa. Em *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação* Pessoa coloca Ricardo Reis e Álvaro de Campos como discípulos de Caeiro, e Antônio Mora como seu continuador filosófico. Como se não bastasse, ele nos afirma que Caeiro, “operando sobre mim mesmo, me livrou de sombras e farrapos, me deu mais inspiração à inspiração e mais alma à alma” (in SEABRA, 1974, p. 79). Há uma filiação estético-filosófica dos heterônimos, além da própria filiação de Pessoa em uma corrente cujas expressões mais acabadas são o “sensacionismo” e o “paganismo” (SEABRA, 1974, p. 79).

Apesar dessa filiação estético-filosófica, Seabra conceitua o sistema poetodramático de Pessoa como “possuindo dois polos dominantes, que exercem simultaneamente um efeito de atração e de repulsão, quer um sobre o outro, quer sobre os demais astros que em torno deles gravitam” (SEABRA, 1974, p. 80): de um lado Caeiro, e de outro Fernando Pessoa ‘ele mesmo’. Segundo esse teórico, a posição nuclear de Caeiro advém do fato de que este heterônimo seria a criação “mais pura e perfeita de Pessoa”, sendo o “heterônimo mais descentrado em relação à personalidade individual do poeta, mas por isso mesmo o mais central enquanto sujeito poético” (SEABRA, 1974, p. 80).

A ABERTURA EXISTENCIAL DA PRESENÇA HEIDEGGERIANA

Em sua *magnum opus* *Ser e Tempo*, Heidegger problematiza a questão do sentido do ser e aprofunda a discussão acerca de uma experiência de caráter metafísico. Discutindo o conceito de ser e ente, ele propõe o conceito de presença (*Daisen*, no original, ou ser-aí, dependendo da tradução). Sua primeira definição seria o “ente que cada um de nós sempre somos e que, entre outras coisas, possui em seu ser a possibilidade de questionar” (HEIDEGGER, 2012, p. 43). Ao falar sobre o tema da analítica existencial da presença,

Heidegger afirma que “o ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos” (HEIDEGGER, 2012, p. 85).

De difícil definição, este conceito vai sendo paulatinamente delineado através de seu livro. Márcia Schuback, tradutora da versão que utilizamos de *Ser e Tempo*, sustenta que a presença “evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade. É na presença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história etc.” (SCHUBACK in HEIDEGGER, 2012, p. 561) Segundo o pensador, “deve-se procurar, na analítica existencial da presença, a ontologia fundamental de onde todas as demais podem originar-se” (HEIDEGGER, 2012, p. 49, grifos no original).

O filósofo reconfigura o paradigma entre essência e existência. Ao invés de definir a experiência ontológica fundamental como um retorno à essência do ser – experiência transcendental que, segundo ele, tem sua origem na dogmática cristã –, Heidegger defende o primado da ‘existência’ frente à ‘essência’. “A ‘essência’ da presença está em sua existência. (...) As características constitutivas da presença são sempre modos possíveis de ser e somente isso” (HEIDEGGER, 2012, p. 85, grifos no original). Filiando-se à filosofia de Husserl, Heidegger defende que “pertence à essência da pessoa apenas existir no exercício de atos intencionais e, portanto, a pessoa em sua essência não é objeto *algum*. (...) Uma pessoa só é na medida em que executa atos intencionais ligados pela unidade de sentido” (HEIDEGGER, 2012, p. 92, grifos no original).

A partir do paradigma de Heidegger, na medida em que a essência da presença está em sua existência, não devemos nos preocupar com um retorno à essência do ser, mas sim com um tipo de experiência que permita uma abertura privilegiada da presença. Essa abertura não pode se dar no modo da cotidianidade, modo no qual ocorre a decadência da presença. Uma abertura privilegiada que alcance fenomenalmente o ser da presença necessita de uma des-cotidianização e do fim impessoal, da medianidade e do arbítrio dos outros. Apenas a partir dessa possibilidade de não decadência o ser da presença efetivamente se tornará acessível.

Mas como então seria possível essa abertura privilegiada da presença? Heidegger defende que a angústia permite tal processo e que em seu âmbito a verdade da existência seria o alcance máximo que o poder-ser atingiria. Esse poder-ser não deve ser visto onticamente como exercício das possibilidades de um ente simplesmente dado dentro de

uma visão de realidade, mas sim ontologicamente como exercício das possibilidades da constituição fundamental do ser da presença. Essa base ontológica do poder-ser do ser da presença aberto pela angústia seria então o tipo de experiência de abertura característica da ontologia heideggeriana que iremos discutir.

Para compreender a abertura própria da presença é preciso compreender a conceituação de cura. Ela é definida como totalidade originária e constituição fundamental da presença, não em sentido ôntico como cuidado ou descuido, mas do ponto de vista puramente ontológico-existencial. A cura possui três momentos estruturais que a definem: o anteceder-a-si-mesma, o já ser-em e o ser-junto a, que representam existência, facticidade e decadência, respectivamente, enquanto caracteres fundamentais do ser da presença. A consciência é vista como o apelo da cura, que apela para a presença assumir o seu poder-ser e estar em dívida mais próprios (HEIDEGGER, 1927, p. 369).

A decisão, enquanto “projetar-se silencioso e pronto a angustiar-se para o ser e estar em dívida mais próprio” (HEIDEGGER, 1927, p. 388), é um elemento importante na visão da temporalidade enquanto sentido ontológico da cura. Essa temporalidade é experimentada no fenômeno da decisão antecipadora, permitindo um poder-ser todo da presença em sentido próprio. A questão do sentido do ser em geral, motor principal de *Ser e Tempo*, é então direcionada para o sentido ontológico do ser da presença. Esse ser da presença, entendido como cura, é o que ilumina essencialmente um ente, é “aquilo que o torna ‘aberto’ e também ‘claro’ para si mesmo”. (HEIDEGGER, 1927, p. 438).

A POESIA DE ALBERTO CAEIRO EM UMA LEITURA HEIDEGGERIANA

De Caeiro porém nasce tudo. Nele o futuro está todo, como a árvore na semente.
(ANTONIO MORA in PESSOA, 2010, p. 211)

Um dos traços mais marcantes da produção poética de Alberto Caeiro é o modo como ele busca uma percepção direta e imediata da realidade. Esse modo de ver privilegiado pode ser considerado como a essência do que seria o “sensacionismo” e o “paganismo” em sua obra. O poema V de *O Guardador de Rebanhos* (in PESSOA, 2010) é uma representação bastante interessante desses conceitos. Após enunciar a máxima “Há

metafísica bastante em não pensar em nada”, o eu-lírico defende a importância do não pensar: “O que penso eu do mundo? / Sei lá o que penso do mundo! / Se eu adoecesse pensaria nisso.” Essa visão vai sendo desdobrada até uma nova máxima, profundamente relacionada à inicial: “O único sentido íntimo das cousas / É elas não terem sentido nenhum.” E a partir desse momento o poema sai de sua postura crítica e entra em uma espiral construtiva:

Não acredito em Deus porque nunca o vi [...]
 Mas se Deus é as flores e as árvores
 E os montes e o sol e o luar,
 Então acredito nele,
 Então acredito nele a toda a hora,
 E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
 E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

(O Guardador de Rebanhos, V in PESSOA, 2010, p. 24)

Essa visão de Deus como estando em todos os lugares possui correlação com uma espécie de paganismo, mas de gênero muito específico “E amo-o sem pensar nele” (PESSOA, 2010, p. 25), um amor ao Deus que é flores e árvores e montes e sol e luar realizado através da experiência direta da Natureza. A “comunhão com os olhos e pelos ouvidos” (PESSOA, 2010, p. 24) em oposição ao processo de pensar criticado no início também é marcante na poética caeiriana.

A importância da visão é crucial, o que pode ser percebido em diversos trechos. Por exemplo, “Obedeço-lhe a viver espontaneamente, / Como quem abre os olhos e vê” (PESSOA, 2010, p. 25) ou ainda “Porque eu sou do tamanho que vejo / E não do tamanho da minha altura...” (O Guardador de Rebanhos, VII in PESSOA, 2010, p. 27). O simplesmente ‘ver e sentir’ é percebido como sendo o objetivo fundamental da experiência humana. “[...] a nossa única riqueza é ver” (PESSOA, 2010, p. 27).

O Grande Segredo para Caeiro, descoberto justamente por não buscá-lo, encontrado “num dia excessivamente nítido”, é que “A Natureza é partes sem um todo” (O Guardador de Rebanhos, XLVII in PESSOA, 2010, p. 74). Zenith (in PESSOA, 2010) acredita que Pessoa foi avassalado, alterado por Caeiro e sua criação foi um momento epifânico, o que pode ser depreendido por dados manuscritos. A criação de *O Guardador de Rebanhos* foi um “estado

iluminado, despojado, lucidíssimo” (ZENITH *in* PESSOA, 2010, p. 226). Esse estado, nas palavras de Pessoa, foi uma “comunhão humilde no Todo, comunhão que é, já não puramente panteísta, mas [...] superpanteísta, dispersão do ser num exterior que não é *Natureza*, mas *Alma*” (*in* PESSOA, 2010, p. 228).

A obra de Caetano está dividida em três partes unidas, a saber: *O Guardador de Rebanhos*, *O Pastor Amoroso* e *Poemas Inconjuntos*. Em *O Pastor Amoroso* aparece um Caetano bastante distinto das outras duas partes, mas isso confere a ele “o contraste necessário para a distinção e o relevo no todo” (MARTINS *in* PESSOA, 2010, p. 241). Além disso, poemas dentro de *O Guardador de Rebanhos* e *Poemas Inconjuntos* mostram uma iluminação imprevista de Caetano que contradizem o ideal de si mesmo e, apesar de trazerem certa incoerência, lhe conferem verossimilhança ficcional (MARTINS *in* PESSOA, 2010).

Algumas diferenças entre essas partes são explicitadas pelo próprio eu-lírico. Após apaixonar-se, “Todos os dias agora acordo com alegria e pena. / Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava. Tenho alegria e pena porque perco o que sonho / E posso estar na realidade onde está o que sonho.” (*O Pastor Amoroso*, IV *in* PESSOA, 2010, p. 81). Com o surgimento da mulher amada, Caetano nos diz “Já não sei andar só pelos caminhos, / Porque já não posso andar só”, uma vez que “Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.” (*O Pastor Amoroso*, V *in* PESSOA, 2010, p. 82). Mas sendo rejeitado, ele retorna a um estado similar ao anterior: “E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.” (*O Pastor Amoroso*, VIII *in* PESSOA, 2010, p. 85).

Interessante notar que o autodenominado “Argonauta das sensações verdadeiras” (*O Guardador de Rebanhos*, XLVI *in* PESSOA, 2010, p. 73) rechaçava de certo modo a filosofia (“Os poetas místicos são filósofos doentes, / E os filósofos são homens doidos.”, *O Guardador de Rebanhos*, XXVIII *in* PESSOA, 2010, p. 53). Entretanto, Caetano pode ser visto como “o nome de uma poesia que é filosofia”, uma “poesia que tem, num dos seus níveis de significação, pertinência ou consequência filosóficas” (MARTINS *in* PESSOA, 2010, p. 250). Apesar de aparentemente paradoxal, a sua leitura filosófica seria então a marca da sua complexidade e não “o refúgio ou a sede do seu sentido” (MARTINS *in* PESSOA, 2010, p. 250).

Para Martins (*in* PESSOA, 2010, p. 253) a abertura ao real, ao mundo exterior, operada por Caeiro é marcada pela “substituição dos pensamentos pelas sensações”. Isso pode ser claramente percebido no poema seguinte, transcrito na íntegra:

Sou um guardador de rebanhos
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca.
 Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
 Por isso quando num dia de calor
 Me sinto triste de gozá-lo tanto.
 E me deito ao comprido na erva,
 E fecho os olhos quentes,
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz.

(*O Guardador de Rebanhos*, IX *in* PESSOA, 2010, p. 34)

Esse exercício de autodefinição de Caeiro é bastante interessante. Após a construção metafórica que substitui os pensamentos do eu-lírico por sensações, há uma passagem sinestésica – o pensar é feito com os sentidos do corpo e não com o intelecto. Em um ambiente pastoril propenso ao transbordamento, o eu-lírico atinge nos dois últimos versos a plena abertura existencial. Ele se deita na realidade, sabe a verdade e é feliz.

Uma leitura desse mesmo poema com viés biográfico poderia focar na tristeza de Caeiro ao gozar tanto o dia e o caráter projetivo existente de Pessoa ao tentar idealizar um ambiente pastoril. Entretanto, observando esse poema através dos conceitos heideggerianos, percebemos que se trata de um eu-lírico em plena abertura existencial. Superado o apelo da cura e a angústia, o eu-lírico se encontra no exercício do seu poder-ser mais próprio. A autofiliação de Pessoa a esse heterônimo, nessa visão, seria originária do fato de que através de Caeiro Pessoa segmentou o seu próprio processo de abertura existencial. O exercício total das possibilidades se encontra no heterônimo Caeiro; Pessoa, assim como os outros heterônimos, apenas seguem caminhos possíveis abertos pelo mestre.

Caeiro é plenamente consciente do caráter projetivo e da possibilidade de criação de mentiras. Ao dialogar com um passante que diz escutar o vento, ele retruca “Nunca ouviste passar o vento. / O vento só fala do vento. / O que lhe ouviste foi mentira, / E a mentira está em ti.” (*O Guardador de Rebanhos*, X in PESSOA, 2010, p. 35). A própria ideia de beleza é um obstáculo à coisa “A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe / Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.” (*O Guardador de Rebanhos*, XXVI in PESSOA, 2010, p. 51). A experiência da realidade é o que permite verdadeiramente esse transbordamento “Para que é preciso de um piano? / O melhor é ter ouvidos / E amar a Natureza.” (*O Guardador de Rebanhos*, XI in PESSOA, 2010, p. 36).

A justificativa de representar poeticamente esse movimento pode ser vista, por exemplo, em “Não tenho ambições nem desejos / Ser poeta não é uma ambição minha / É a minha maneira de estar sozinho” (*O Guardador de Rebanhos*, I in PESSOA, 2010, p. 17). Como vimos, para Heidegger é essencial para o processo de abertura o fim do arbítrio dos outros e a maneira de Caeiro de estar sozinho é justamente o transbordar poeticamente. Essa poesia não é rimada, pois “[...] Raras vezes / Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.” (*O Guardador de Rebanhos*, XIV in PESSOA, 2010, p. 39) e então é forjada uma poesia que “[...] é natural como o levantar-se vento...” (*O Guardador de Rebanhos*, XIV in PESSOA, 2010, p. 39)

O processo de abertura necessita de um olhar inocente “Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do mundo [...] Amar é a eterna inocência, / E a única inocência é não pensar...” (*O Guardador de Rebanhos*, II in PESSOA, 2010, p. 19), mas ao mesmo tempo um olhar plenamente consciente do próprio processo de ver “O mundo não se fez para pensarmos nele / (Pensar é estar doente dos olhos) / Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo.” (*O Guardador de Rebanhos*, II in PESSOA, 2010, p. 19). “O essencial é saber ver” (*O Guardador de Rebanhos*, XXIV in PESSOA, 2010, p. 49), mas para realmente conseguir ver é preciso “Uma aprendizagem de desaprender” (*O Guardador de Rebanhos*, XXIV in PESSOA, 2010, p. 49). É como se não estivéssemos acostumados com a luz fora da caverna, como se toda nossa visão fosse moldada pelo impessoal. Apenas ‘desaprendendo’ esses conceitos e visões anteriores podemos então ter um contato mais direto com a realidade para podermos plenamente realizar o poder-ser da presença.

Essa educação do olhar necessita do esquecer-se do passado. Buscando a coerência em atos intencionais ligados pela unidade de sentido para termos uma identidade, limitamos as possibilidades do poder-ser:

Antes o voo da ave, que passa e não deixa rastro,
 Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão
 A ave passa e esquece, e assim deve ser. [...]
 O que foi não é nada, e lembrar é não ver.
 Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!

(*O Guardador de Rebanhos*, XLIII in PESSOA, 2010, p. 69).

Mas tampouco devemos nos importar com o futuro. “Para além da curva da estrada / Talvez haja um poço, e talvez um castelo, / E talvez apenas a continuação da estrada. / Não sei nem pergunto.” (*Poemas Inconjuntos* in PESSOA, 2010, p. 88). É preciso viver no instante. “Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva / Há a estrada sem curva nenhuma” (*Poemas Inconjuntos* in PESSOA, 2010, p. 88). Não nos resta nem o presente para nos agarrarmos, “coisa relativa ao passado e ao futuro” (*Poemas Inconjuntos* in PESSOA, 2010, p. 152). Ele também não deve ser considerado: “Quero as coisas que existem, não o tempo que as mede.” (*Poemas Inconjuntos* in PESSOA, 2010, p. 152). O desprendimento do tempo em si mesmo é uma parte do projeto caeiriano: “Não quero incluir o tempo no meu esquema.” (*Poemas Inconjuntos* in PESSOA, 2010, p. 152).

Essa postura em relação ao tempo encontra eco nos conceitos de Heidegger. A temporalidade é entendida para este último como o sentido da cura. Mas temporalidade, para este autor, não deve ser considerada como o conceito vulgar de tempo presente nas categorias “futuro”, “passado” e “presente”. Essas categorias são oriundas de uma temporalidade imprópria. Os momentos da cura em uma temporalidade própria são o porvir, o vigor de ter sido e a atualidade. O conceito vulgar de tempo é inerente a um ente simplesmente dado e também presente na cura decadente, direcionada pela falação do impessoal. A visão caeiriana está bastante alinhada à Heidegger: este filósofo considera que o somente o ser livre para a morte permite a escolha da possibilidade de sua existência de modo não casual e provisório. Para isso é preciso mergulhar no instante, afastando a “‘representação’ teórica de um fluxo contínuo de agoras” e concebendo os modos possíveis

da presença no tempo “em correspondência a cada existência singular” (HEIDEGGER, 1927, p. 505).

Caeiro nos mostra, de dentro da sua poesia, um profundo projeto existencial de abertura das possibilidades do ser. A abertura oriunda do desprendimento das amarras do tempo permite um mergulho próprio no poder-ser. “Eu nunca passo para além da realidade imediata / Para além da realidade imediata não há nada.” (*Poemas Inconjuntos in PESSOA*, 2010, p. 101).

A comunhão e aceitação estão intrinsecamente relacionadas a essa abertura existencial. “Porque tudo é como é e assim é que é, / E eu aceito e nem agradeço, / Para não parecer que penso nisso...” (*O Guardador de Rebanhos, XXIII in PESSOA*, 2010, p. 48). O estar de acordo é também aceitar que nem tudo é alegria “É preciso ser de vez em quando infeliz / Para se poder ser natural... / Nem tudo é dias de sol, / E a chuva, quando falta muito, pede-se.” (*O Guardador de Rebanhos, XXI in PESSOA*, 2010, p. 46). A chuva, quando falta muito, pede-se, e dessa forma, para não agradecer e estar a pensar nisso, é preciso simplesmente aceitar a chuva e aceitar o sol. Esse alargamento existencial possui uma comunhão oriunda da aceitação inclusive da própria finitude: “E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre, / E que o poente é belo e é bela a noite que fica... / Assim é e assim seja...” (*O Guardador de Rebanhos, XXI in PESSOA*, 2010, p. 46). Essa profunda aceitação se constitui um mergulho no ser-para-a-morte, um apelo da cura que permite a existência de modo próprio.

O “único poeta da Natureza” (*Poemas Inconjuntos in PESSOA*, 2010, p. 97) nos mostra a importância de apenas existir, apenas ser:

A espantosa realidade das coisas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.
Basta existir para se ser completo.

(*Poemas Inconjuntos in PESSOA*, 2010, p. 91).

Existe uma dificuldade paradoxal: “Estas verdades não são perfeitas porque são ditas, / E antes de ditas, pensadas” (*Poemas Inconjuntos in PESSOA*, 2010, p. 114). A verdade não

pode ser expressa, ela precisa ser experienciada através de um mergulho na realidade: “A realidade é apenas real e não pensada.” (*Poemas Inconjuntos in PESSOA, 2010, p. 113*)

A criança que corre ao seu lado em *O Guardador de Rebanhos*, VIII, compartilha um grande segredo: “Que é o de saber por toda a parte / Que não há mistério no mundo / E que tudo vale a pena.” (PESSOA, 2010, p. 31). Essa visão profundamente positiva nos conclama a viver. O que nos resta? Não há mistério, tudo vale a pena: necessitamos simplesmente mergulhar na realidade e viver em plenitude. “[...] se morrer agora, morro contente, / Porque tudo é real e tudo está certo.” (*Poemas Inconjuntos in PESSOA, 2010, p. 96*).

CONCLUSÃO

*Aceita o universo
Como to deram os deuses.
Se os deuses te quisessem dar outro
Ter-to-iam dado.*

*Se há outras matérias e outros mundos –
Haja.
(Poemas Inconjuntos in PESSOA, 2010, p. 117)*

Baseando-nos na analítica existencial da presença de Heidegger buscamos apresentar uma visão um pouco divergente do olhar de Seabra (1974). Enquanto este considera a existência de dois polos dominantes na constelação pessoana (o próprio Pessoa e Caeiro), entendemos que em Caeiro o escritor Pessoa segmentou o seu processo de abertura existencial e exatamente por isso todos os heterônimos em poesia e o Pessoa ‘ele mesmo’ viram em Caeiro um mestre. Por mais que colocar Pessoa como um dos centros (ou então o centro) da produção heteronímica seja o caminho mais tradicional em razão da questão biográfica envolvida, uma leitura heideggeriana da produção de Caeiro o coloca como astro rei em torno do qual orbitam todos os outros heterônimos e o Pessoa ‘ortônimo’.

A partir dessa visão, Caeiro seria um heterônimo com subeterônimos, sendo Pessoa mais um desses subeterônimos. O processo biograficamente ocorrido de segmentação em Caeiro da abertura existencial permitiu a sua consolidação como mestre. Através de uma das temáticas fundantes para a poesia de Caeiro que é a abertura do ser da presença, os heterônimos de Pessoa e o Pessoa ‘ortônimo’ puderam fazer escolhas em suas

possibilidades de existência, como desdobramentos do poder-ser aberto na poética caeiriana.

Tomando como base um conjunto mínimo de pressupostos – “*doxa* caeiriana mínima: as coisas existem, e alguém existe que sabe que elas existem” (MARTINS *in* PESSOA, 2010, p. 249) – Caieiro constituiu um modo de ver que permite à constelação heteronímica de Pessoa se espelhar. A resposta a questões de natureza existencial – a importância da relação com a realidade, a problematização da Natureza e a discussão da prisão identitária do passado, por exemplo – é baseada na aceitação, na comunhão, no sentir. São fórmulas mínimas, demasiadamente humanas, que permitem aos heterônimos se estruturarem e, nos ombros de seu mestre, verem mais longe.

REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, Cleonice. *Fernando Pessoa: Outra vez te revejo...*, Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

GUIMARAES, Fernando. *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*, 3ª edição, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004.

HEIDEGGER, Martin, *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 7ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes e Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2012.

PESSOA, Fernando. *Poesia Completa de Alberto Caieiro*, edição Fernando Cabral Martins, Richard Zenith – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

Como citar este artigo:

FRANKEL, Roy. Caieiro Mestre. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 18, jul.-ago. 2014, p. 183-196. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num18/estudos/palimpsesto18estudos07.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507